



## Sexualidade de mulheres surdas: uma revisão da literatura

### *Sexuality of deaf women: a literature review*

Lidiane Augusta Ferrari Botteon<sup>1</sup>



<https://orcid.org/0000-0003-4479-268X>



<http://lattes.cnpq.br/1019498704521764>

Maria Regina Momesso<sup>2</sup>



<https://orcid.org/0000-0001-7342-577X>



<http://lattes.cnpq.br/8973020849570833>

### RESUMO

Sexualidade é uma temática de difícil trato no campo da educação escolar, em especial quando se trata de inclusão. Tema envolto em muitos interditos, mitos e tabus de todas as ordens. O discente com deficiência parece ser ainda mais invisibilizado, como se fosse um ser assexuado. A dificuldade dessa lida agrava-se quando não há uma língua partilhada entre os surdos, a escola, a família e a sociedade. Tal quadro abre espaço para pós-verdades, dificultando o diálogo e o conhecimento do sujeito de uma sexualidade. Segundo os estudos foucaultianos, a sexualidade nos define enquanto sujeitos e nos delinea em nossa(s) subjetividade(s). Objetiva-se fazer um estudo bibliográfico de dissertações, teses e artigos científicos de oito base dados (PUC-SP, UFSCar, Unesp, USP, Unicamp, SciELO, CAPES e OASISBR) no período de 2011 a 2023, com o intuito de verificar como é tratada a constituição de mulheres surdas e sua relação com a sexualidade. O estudo é bibliográfico, documental e qualitativo assentado na análise de discurso foucaultiana do terceiro domínio denominado genealogia da ética. A revisão mostrou a escassez de estudos sobre a sexualidade e sua necessidade para uma educação mais inclusiva.

**Palavras-chave:** Sexualidade; mulher surda; educação sexual.

### ABSTRACT

*Sexuality is a difficult issue to be discussed in the field of school education, especially when it comes to inclusion. The topic is also surrounded by prohibitions, myths, and taboos of all kinds. Students with disabilities seem to be even more invisible, as if they were asexual beings. Things get more difficult when there is no*

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras Câmpus de Araraquara/SP – Brasil. E-mail: [l.botteon@unesp.br](mailto:l.botteon@unesp.br)

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras Câmpus de Araraquara/SP – Brasil. E-mail: [regina.momesso@unesp.br](mailto:regina.momesso@unesp.br)



*language shared among the deaf, the school, the family, and the society. Such situation opens space for post-truths, which makes dialogue and the subject knowledge of sexuality difficult. According to Foucauldian studies, sexuality defines us as subjects and delineates us in our subjectivity (ies). The aim is to carry out a bibliographic study of dissertations, theses, and scientific articles from eight databases (PUC, SP; UFSCar; UNESP; USP; UNICAMP; SCIELO; CAPES and OASISBR), from 2011 to 2023, to verify how the constitution of deaf women and their relationship with sexuality is treated. The study is bibliographic, documental, qualitative, and based on the analysis of Foucauldian discourse from the third domain called genealogy of ethics. The review showed the scarcity of studies on sexuality and their need for more inclusive education.*

**Keywords:** Sexuality; deaf woman; sex education.

## 1. INTRODUÇÃO

Por sua complexidade, a sexualidade tem sido um dos mais importantes temas da contemporaneidade, pois demanda ser pesquisado em suas diferentes instâncias sociais e sob aspectos diversos. Essa temática não se restringe exclusivamente às aulas de Biologia, uma vez que desde 1988 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já orientavam o trato da sexualidade de forma transversal e multidisciplinar, abrangendo uma visão social, cultural e histórica.

No entanto, lidar com a sexualidade no campo da educação escolar, na perspectiva inclusiva, ainda se constitui uma temática envolvida em muitos interditos, mitos e tabus de todas as ordens, uma vez que o discente com deficiência torna-se ainda mais invisibilizado se desprovido de sexualidade. Tal quadro abre espaço para pós-verdades, dificultando o diálogo e o conhecimento do sujeito de uma sexualidade.

Segundo os estudos foucaultianos, a sexualidade nos define enquanto sujeitos e nos delinea em nossa(s) subjetividade(s). Partindo dessa premissa, tratar da sexualidade no campo da educação inclusiva abarcando os atores envolvidos torna-se ainda mais difícil quando não há uma língua partilhada entre escola e família, como é o caso de pessoas com surdez. Sabe-se que a população surda, por não ter os mesmos meios de aquisição de informação como os ouvintes, enfrenta limitações de acesso às informações sobre esse tema.

Apesar de este artigo não ter como objetivo desenvolver um olhar aprofundando da história da surdez, faz-se necessária uma breve descrição a fim de contextualizar o processo histórico comunicacional das pessoas enquadradas nesse grupo. No decorrer da história, a forma como os surdos eram vistos apresentava aspectos negativos. Na antiguidade, os surdos foram percebidos com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou enfeitadas e, por isso, eram abandonadas ou sacrificadas (Goldfeld, 1997). Somente a partir do século XVI constatarem-se notícias dos primeiros educadores para surdos. Ainda naquela centúria, na Espanha, por exemplo, o monge Pedro Ponce de Leon ensinou quatro crianças surdas, filhos de nobres, a falar grego, latim e italiano, além de lhes apresentar conceitos de física e astronomia. O monge desenvolveu metodologia que incluía datilologia, escrita e oralização, criando uma escola de professores de surdos.

Na França, em 1750, o abade Charles Michel L'Épée, aproximando-se dos surdos que observava nas ruas, conseguiu aprender a língua de sinais e criou os "Sinais Metódicos", que combinavam a língua de sinais com a gramática francesa sinalizada, o que lhe rendeu grande sucesso na educação dos surdos. Em 1815, Thomas Hopkins Gallaudet, professor americano, seguiu para a Europa a fim de



receber informações sobre a educação dos surdos. Na França, encontrou-se com L'Épée e na Inglaterra, com a família Braidwood. Cumpre destacar que L'Épée era defensor do uso da língua de sinais, enquanto a família Braidwood utilizava apenas língua oral na educação de surdos. A família Braidwood recusou-se a ensinar a Gallaudet o método oral em poucos meses, restando-lhe, então, a utilização do método manual. Poucos anos depois, acompanhado dos melhores alunos de L'Épée, Gallaudet fundou a primeira escola para surdos nos Estados Unidos, utilizando um francês sinalizado como forma de comunicação em salas de aula e em conversas extraclasse, ou seja, a mistura do léxico da língua de sinais francesa com a estrutura da língua francesa adaptada para a língua inglesa. Dessa forma, surgiu a metodologia que passou a ser utilizada mais tarde, a saber: a comunicação total. Em 1821, todas as escolas públicas americanas passaram a ter a *American Sign Language* (ASL), assim como ocorria na maior parte dos países europeus, tendo a influência do francês sinalizado. Nesse período, houve uma elevação do grau de escolarização dos surdos, que passaram a aprender com facilidade as disciplinas ministradas em língua de sinais, ou seja, sua própria língua (Goldfeld, 1997).

Em 1860, devido aos avanços tecnológicos que facilitavam a aprendizagem dos surdos, houve um investimento da aprendizagem da língua oral. Nesse contexto, surgiu a ideia, defendida até hoje por alguns profissionais, de que a língua de sinais prejudica o aprendizado da língua oral para as pessoas com surdez, o que acarretou na presença de opositores à língua de sinais. O maior deles foi Graham Bell, o inventor do telefone, cuja influência foi forte na votação do congresso de Milão (1880), em que foi colocado em votação qual método deveria ser utilizado na educação dos surdos. O Oralismo venceu e, desde então, a língua de sinais ficou oficialmente proibida e houve uma reviravolta na educação dos surdos. Aos professores surdos, a exemplo, foi negado o direito ao voto. O oralismo dominou o mundo até a década de 1960, ano em que William Stokoe publicou seu artigo "Sign Language Structure: an Outline of the Visual Communication System of the American Deaf", em que conseguiu provar que a ASL é uma língua, pois possui características linguísticas como as línguas orais.

A partir dessa publicação e devido à insatisfação de professores de surdos e dos próprios surdos com a utilização do método oral, retornaram à utilização da língua de sinais e de outros códigos manuais na educação de crianças surdas. Na década de 1970, países como Suécia e Inglaterra passaram a utilizar a língua de sinais de forma independente da língua oral. Surgiu, então, a filosofia Bilingue, a partir da década de 1980, e mais efetivamente na década de 1990, ganhou cada vez mais adeptos no mundo.

O bilinguismo surgiu com força no Brasil na década de 1990, após passar por vários períodos de impedimento e incompreensão. O bilinguismo é a filosofia que defende que o surdo deve aprender primeiro a língua de sinais, compreendida como sua língua natural, e a partir dela aprender e utilizar a língua oficial do seu país na modalidade escrita. Conforme apresentou Skliar (2013, p. 27):

Natural, entretanto, não se refere a uma certa espontaneidade biológica. Língua natural, aqui, deve ser entendida como uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários que transmite de geração em geração, e que muda tanto estrutural como funcionalmente com o passar do tempo.

A filosofia do bilinguismo percebe o surdo de forma bastante diferente da filosofia oralista, ou seja, não é necessário que o surdo almeje uma vida de ouvinte, haja vista que sua maioria é linguística,



mas que o sujeito surdo possa assumir sua surdez e fazer uso da sua língua como forma de comunicação, uma vez que

o conceito mais importante que a filosofia bilingue traz é a de que o surdo forma uma comunidade, com cultura e línguas próprias. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão da normalidade é rejeitada por esta filosofia (Goldfeld, 1997, p. 39).

A filosofia do bilinguismo compreende que a criança surda deve aprender os sinais como primeira língua, pois se trata de sua língua natural. Aliás, o aprendizado deve acontecer por meio do convívio com a comunidade surda e o contato com surdos mais velhos que já dominam a língua. No entanto, a maioria das crianças surdas nascem em lares de ouvintes, e para que a criança tenha sucesso no uso da língua de sinais é preciso que a família também a aprenda e a utilize no ambiente doméstico. Com relação à língua oral, a mais almejada por famílias ouvintes que têm crianças surdas, faz-se necessário esclarecer que há necessidade de atendimento específico para aprender, tendo em vista que o aprendizado é lento e impositivo, pois envolve recursos orais e auditivos que os surdos não possuem.

Diversos autores acreditam que a língua oral, apesar de extremamente necessária para a vida do surdo, nunca será perfeitamente dominada por ele e esta será sempre uma língua estranha, não servindo a todas as necessidades do indivíduo e não podendo, portanto, ser a língua materna da criança surda (Goldfeld, 1997, p. 41).

é possível concluir através do bilinguismo que a língua de sinais é a única língua que o surdo poderia dominar plenamente, por ser sua língua natural, e através dela poderia suprir todas as suas necessidades comunicacionais e cognitivas. Somente através da exposição à língua de sinais, a criança surda pode desenvolver-se linguisticamente e cognitivamente, sem ter desvantagens e/ou prejuízos com relação aos ouvintes, pois estes já nascem inseridos em uma língua e em uma cultura, ao passo que a criança com surdez, que não tem aquisição de uma língua na primeira infância, passa a ter desvantagens linguísticas.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo bibliográfico de dissertações, teses e artigos em oito bases de dados no período de 2011 a 2023 com o intuito de verificar como é tratada a constituição da mulher surda e sua relação com a sexualidade.

As hipóteses sobre as quais este estudo se debruça são: as pesquisas que tratam da mulher surda trazem um recorte envolvendo a sexualidade? Qual a relação da constituição da mulher surda e o uso da língua de sinais?

## 2. METODOLOGIA

Realizou-se um levantamento bibliográfico em teses, dissertações e artigos, em oito bases de dados das seguintes instituições: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUCSP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Unesp), Faculdade de Educação da USP (FEUSP), Faculdade de Educação da Unicamp – (FEUNICAMP). Além dos sites *Scientific Electronic Library online* (SciELO), Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Portal Brasileiro de publicações e dados científicos em acesso aberto (OASISBR). As buscas nesses bancos ocorreram nos meses de julho,



agosto, setembro e outubro de 2023. Os descritores utilizados foram: “Mulher. Surdez. Sexualidade.”, “Surdez. Sexualidade.” e “Mulher Surda. Gênero. Sexualidade”. A estratégia utilizada foi em língua portuguesa. Os critérios de inclusão foram: a) versar sobre a surdez com foco principal na sexualidade; b) ter apenas mulheres surdas como amostra; c) estar em português; d) ser artigo, dissertação ou tese; e) ser publicado no período de 2011 a dezembro de 2021. Os critérios de exclusão foram: a) ter como amostra homens surdos; b) publicações duplicadas; c) publicações que não fossem artigo, tese ou dissertação; d) não disponibilização do resumo e do texto completo via on-line e de forma gratuita.

O procedimento de busca inicial ocorreu com a leitura do título, das palavras-chave e do resumo do trabalho. Após a seleção dos trabalhos que cumpriam os critérios de inclusão, foi feita a leitura na íntegra para a realização da análise.

Os trabalhos foram agrupados em três eixos, a fim de facilitar o mapeamento das pesquisas selecionadas. Os temas denominados eixo um (1) são aqueles que tratam da temática da sexualidade da mulher surda; eixo dois (2) são os que tratam da sexualidade da pessoa com surdez, homens e mulheres; e eixo três (3), os trabalhos que abordam gênero, raça e etnia da pessoa com surdez. Optou-se por aprofundar os trabalhos um (1), dois (2) e três (3) do eixo um (1) por atenderem aos critérios de inclusão.

**Quadro 1** – Caracterização dos estudos selecionados

| <b>Título/tipo de pesquisa</b>                                                                                                              | <b>Autor/ano</b>                                                   | <b>Eixo</b> | <b>Objetivo Geral</b>                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Sexualidade e Gênero: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo. Tese.</i> | Karen Ribeiro -2011.                                               | 01          | Investigar como se constitui a sexualidade de jovens surdas, como se relacionam afetivamente e qual o papel desempenhado pela escola nesse processo.                                            |
| <i>A objetificação da mulher surda na ordem digital: discursos e sentidos sobre o sujeito-corpo (de) Natália. Dissertação.</i>              | Ana Paula Saffe Mendes – 2021.                                     | 01          | Como se dá a objetificação do corpo de Natália nos enunciados feitos como comentários nas duas reportagens do Portal <i>G1</i> de notícias.                                                     |
| <i>Narrativas biográficas de mulheres surdas e educação: reconhecer experiências, culturas, identidades e percursos. Dissertação.</i>       | Sara Filipa Loureiro Silva Moreiro de Sousa – 2011.                | 01          | Conhecer as experiências de vida de três mulheres surdas, num processo de co-construção, reconhecendo diferentes percursos de vida de mulheres surdas, numa sociedade majoritariamente ouvinte. |
| A mulher surda e suas relações de gênero e Sexualidade. Capítulo de livro.                                                                  | Sandra Zanetti Moreira - 2015.                                     | 01          | Empreender a desconstrução das narrativas que até então se referem à mulher surda.                                                                                                              |
| Surdez e sexualidade: as representações sociais dos discentes surdos. Artigo.                                                               | Valéria Maria Azevedo Guimarães e Joilson Pereira da Silva – 2020. | 02          | Realizar uma revisão sistemática de artigos científicos sobre sexualidade e surdez.                                                                                                             |
| Concepção da sexualidade de estudantes surdos usuários de LIBRAS em escola polo. Dissertação.                                               | Maria Fernanda de Arruda Campos – 2015.                            | 02          | Investigar a construção da sexualidade de alunos surdos de uma escola estadual polo em uma cidade de médio porte, localizado no interior do estado de São Paulo.                                |



|                                                                                                            |                                                         |    |                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos no Paraná. Dissertação. | Sandra Cristina Malzinoti Vedoato – 2015.               | 03 | Analisar as relações entre surdez e as condições de raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos no estado do Paraná.                                                                                     |
| Revisão de literatura: surdez e identidades interseccionais. Artigo.                                       | Fátima Elizabeth Denari e Isabella Mota Colombo - 2021. | 03 | Comparar o que tem sido produzido academicamente quanto à intersecção entre surdez, gênero e raça, quando as publicações mencionam os três marcadores sociais conjuntamente e quando mencionam apenas os dois primeiros. |

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca nas bases de dados consultadas resultou em dezesseis (16) trabalhos. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 4; Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, 2; OASISBR, 4; CAPES, 2; Universidade Federal de São Carlos, 1; Faculdade de Educação da USP, 1; SciELO, 1; Capítulo de livro, 1). Sendo que seis (6) foram excluídos por se repetirem entre as bases de dados. Além disso, observou-se que os anos de maior publicação foram 2015 e 2020 com três publicações em cada ano, seguidos por 2011 e 2021 com duas publicações em cada ano, o que demonstra que a temática vem despontando como estudo mais recentemente.

O estudo de Ribeiro (2011) teve como objetivo analisar os relatos sobre as formas como a sexualidade é vivenciada por jovens surdas. A natureza do estudo foi qualitativa, com o objetivo de investigar e compreender as relações afetivas construídas por elas, bem como o papel desempenhado na escola. Segundo a autora, a educação tem, entre suas funções, a transmissão de modelos culturais, valores e concepções, com os quais determina padrões de conduta, modelos e pensamento. A escola passa a ideia de exercer um papel científico-pedagógico de caráter neutro nesse processo, dissociado de preceitos de gênero/sexismo, embora isso não aconteça de fato. Ela corrobora no sentido de ser menino e ser menina, algumas vezes de forma não premeditada, seja por meio de gestos, de posturas e pensamentos (Vianna, 2003).

A autora propõe o aprofundamento dos conceitos de gênero e sexualidade. Ao abordar gênero, Ribeiro (2011) retoma o contexto do surgimento do conceito, em que a história coincide com o movimento feminista. A chamada primeira onda, que ocorreu no início do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa. As reivindicações, naquele momento, eram pensadas em benefícios das mulheres, em sua maioria brancas e pertencentes à classe média (Louro, 2003; Faria, 1998). O segundo momento tem como pano de fundo as críticas ao capitalismo, na década de 1960. Surgiram os estudos da mulher e as produções acadêmicas inovadoras de intelectuais feministas, que deram visibilidade à condição de vida e trabalhos femininos (Louro, 2003; Faria, 1998). Segundo a autora, o conceito de gênero surgiu como reação contrária à ideia do determinismo biológico. As posições que homens e mulheres ocupam na sociedade não estão relacionadas ao sexo, mas à construção social. Para elucidar, Ribeiro faz referência ao conceito de Scott (1994), ou seja, gênero é categoria relacional, construída nas relações sociais e também categoria de análise que ultrapassa os limites da família, da reprodução humana e da vida doméstica e, a partir dessa categoria, é possível pesquisar sistemas sociais, econômicos, políticos, mercado de trabalho, educação e outros assuntos.



Ao abordar o conceito de sexualidade, Ribeiro (2011) define que embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais que simplesmente um corpo, relacionando-se tanto com as nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico (Britzman, 1996). A sexualidade, mais do que reprodução, envolve prazer, identidade, orientação sexual, erotismo, sentimentos, história pessoal, cultura, relacionamentos e, portanto, relações de gênero (Abramovay; Castro; Silva, 2004).

Para realizar a pesquisa, foram adotados os seguintes aspectos: diversidade dos perfis dos estudantes, moradores do município e de cidades vizinhas, com idade entre 11 e 20 anos e usuárias de Libras; flexibilidade de tempo para o desenvolvimento da pesquisa, disponibilizada pela direção escolar e familiaridade da equipe escolar com o tema e a situação da pesquisa, demonstrada pela experiência de alguns profissionais da escola na área de educação sexual. Com relação aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados quatro: observação, notas de campo, entrevistas individuais e discussão em grupos. As considerações finais indicaram que há um isolamento na família, na escola e na sociedade e o motivo é sem dúvida a barreira da língua. A autora enfatiza que o reconhecimento da língua não basta, é preciso maior esforço das autoridades competentes para ampliar seu uso e difusão, fazer circular a língua entre pessoas surdas e pessoas ouvintes. Com relação à transmissão de informação sobre sexualidade, a mãe foi a mais citada pelas jovens, como a pessoa que transmite valores e informações, mesmo com a falta de fluência em Libras. O ponto de vista da mãe, na maioria das vezes, reflete a abordagem biológica da sexualidade, destacando os eventos orgânicos do corpo, como a menstruação, a relação sexual e a gravidez. Ribeiro ressalta que as jovens surdas destacaram a falta de acesso ou subutilização da internet, sendo este recurso considerado como uma importante ferramenta para a formação de uma rede de informações, conhecimento, experiências e vivências ligadas à sexualidade. Com relação à sexualidade no espaço escolar, evidenciou-se que se trata de assunto silenciado, interrompido e adiado, seja em conversas informais, seja em aulas específicas ou projetos de curta duração.

O estudo de Mendes (2022), por sua vez, traz à luz a análise do discurso foucaultiano, travando um diálogo entre seus conceitos e o estudo sobre a surdez de acordo com os estudos surdos de Skliar (2015). O trabalho foi realizado através dos comentários de duas matérias publicadas no portal *G1* nos anos de 2014 e 2017. O recorte ocorreu a partir de 2014 com o início do debate acerca da acessibilidade de surdos na realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a partir de denúncias feitas pela surda Natália e publicadas no referido portal, o que se estendeu até 2017, ano em que a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) focalizou as dificuldades na educação de surdos na educação brasileira e Natália protagonizou outra reportagem na mesma página.

Na dissertação, ocorreu a caracterização da mulher surda pelo viés da objetivação e da objetificação através do método arqueogenealógico. Mendes aborda a trajetória histórica, crítico e reflexivo sobre como a violência no corpo surdo é secular. Ela está presente nas decisões jurídicas que imperam na educação e no âmbito privado, atravessando os discursos ordinários. Discutem-se as transformações e influências na caracterização do Ser Surdo conforme alterações políticas na educação de surdos. Segundo Foucault (1973): "fundado e refundado pela história", debatendo a formação do olhar que permitiu instituir dispositivos de verdade capazes de endossar a imagem do doente, do incapaz. A autora ressalta que quando se negam as informações e as normas sociais, realiza-se um trabalho excludente das diferenças, uma vez que o corpo surdo recebe uma violência, seja do silenciamento visual, seja do silenciamento sensorial pela retirada de suas identidades surdas e pela negação do



ser surdo. Nas conclusões, a autora diz que os enunciados a respeito da mulher surda têm as vozes fincadas na construção sobre o saber sobre a surdez, LIBRAS, capacidades e habilidades surdas e sexualidade da surda. Daquilo que se declara sobre o corpo da mulher surda, percebe-se o desejo pela normalização, submissão e/ou desistências dos espaços sociais. Na primeira reportagem realizada em 2014 é possível perceber a construção de um corpo-doente, enquanto na segunda reportagem, feita em 2017, a construção indica um corpo-desejável.

Sousa (2011) traz, na sua dissertação, a discussão de diferentes percursos biográficos de mulheres surdas, dando a conhecer as suas experiências, marcadas em parte pela desigualdade vividas num mundo maioritariamente ouvinte. Partindo do conceito de igualdade de oportunidades para problematizar e compreender realidades e vidas de mulheres enquanto sujeitos do mundo marcada por uma especificidade: a surdez. A autora enfatiza que, no âmbito dos estudos feministas, pouco tem-se falado das mulheres surdas. Para o feminismo, a identidade é socialmente construída através de diferenças, das quais as distinções entre os sexos é a mais evidente (Wensing, 2005). A autora refere-se a eixos de diferença para indicar dimensões como raça, gênero, etnicidade, classe e sexualidade, que interferem nas lutas de poder e que funcionam como marcos de identidade (Wensing, 2005). Pretendeu-se problematizar as questões relacionadas às mulheres surdas, nomeadamente as questões de gênero, alteridade, diferença e surdez. Quando se aborda as mulheres surdas, há uma multiplicidade de identidades, sendo a mulher surda apenas uma delas.

A autora aborda o conceito de gênero à luz de Louro (2003), afasta-se do sexo em que este está ligado à distinção sexual e biológica, que está na base da desigualdade social. Para Louro (2003), o que importa é a parte social, histórica, as condições de acesso aos recursos que a sociedade possui, as relações que se estabelecem entre as pessoas, entre os diversos grupos que constituem a sociedade. Os estudos de gênero estiveram sempre preocupados com as relações de poder, de forma a mostrar a submissão e a opressão a que as mulheres sempre estiveram subjulgadas. É na relação com os outros, no interior das redes de poder, que são instituídas e nomeadas as diferenças e desigualdades.

Os surdos não devem ser olhados como deficientes, como alguém a quem falta algo, mas sim como diferentes, como indivíduos que possuem muitas experiências, aliás, diversas entre si (Coelho, 2010). Se a surdez for olhada como uma deficiência e o surdo como deficiente, poderá haver lugar a que este aprenda, “de forma explícita ou subliminar, que ser/estar deficiente é uma tarefa árdua e marcada pelo conflito. Cedo ou tarde percebe que a diferença/deficiência [não é algo bom], ou seja, não é uma identidade celebrada” (Magalhães; Cardoso, 2010, p. 51-52).

A passagem da perspectiva clínico-terapêutica para a perspectiva socioantropológica tem mudado a visão da sociedade com relação à forma de ver o surdo de deficientes/doentes, considerando que as pessoas surdas fazem parte de uma comunidade que é diferente e que deve ser respeitada. A pesquisa parte da perspectiva sociológica, cultural e educativa tendo como metodologia as narrativas biográficas de três mulheres surdas na sua própria gestualidade. As considerações finais enfatizam que as mulheres surdas ainda se encontram em desigualdade com relação aos homens surdos, mulheres e homens ouvintes e que as dificuldades que as mulheres surdas passam dizem respeito a problemas de ordem comunicativa, com as quais elas se deparam desde o início de suas vidas. O fato de a maioria da sociedade ser ouvinte e não dominar a Língua de Sinais desencadeia situações em que pode haver falhas na comunicação. De forma a contornar essas condições, as mulheres



biografadas encontraram caminhos alternativos, como, por exemplo, se comunicarem através da escrita ou de mímica. Caso seja possível, é importante que a família e as pessoas de referência na vida dos surdos se comuniquem com eles em Língua de Sinais, já que esta é a sua língua natural, que deve ser adquirida o quanto antes por eles. As questões de gênero foram referidas de modo mais tímido, fato que pode ser explicado com a ideia de que as questões da surdez se sobrepõem tornando outras dimensões das vidas dos sujeitos menos visíveis. O fato de pertencerem à comunidade surda, que é uma comunidade sociolinguística minoritária, fez com que emergissem mais facilmente, na maioria das vezes, os problemas de integração na sociedade majoritária, bem como as dificuldades comunicacionais que resultam em situações discriminatórias para as pessoas surdas. Por outro lado, é curioso ressaltar que as mulheres biografadas afirmaram que as suas mães é que estiveram presentes em algumas opções e escolhas nos seus percursos de vida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste levantamento, com leituras e análises dos trabalhos selecionados, nota-se que o que se sabe até o momento é incipiente, pois as pesquisas referentes à surdez dizem respeito, em sua maioria, às diferenças linguísticas, aos processos de comunicação e à surdez no modelo clínico terapêutico. Dessa forma, entende-se que a lacuna a ser pesquisada nesta temática seja trazer a luz para o campo da educação sexual e a constituição subjetiva de mulheres/adolescentes surdas, uma vez que a falta de utilização da língua de sinais pelos seus pares, docentes e familiares, resulta em escassez de informação com relação a assuntos como a sexualidade. Assim, percebeu-se a necessidade de aprofundamento sobre essa temática.

O tema da sexualidade enfrenta muitos tabus. No entanto, segundo Foucault (1988), o que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Desde a idade da Repressão no século XVII, época em que se coincidia com o desenvolvimento do capitalismo, a burguesia do ocidente começou a proibir os discursos sobre sexualidade. Dessa forma, os discursos sobre a sexualidade são sempre interditos e de ordem médica e religiosa. Para a mulher surda que possui uma multiplicidade de identidades, mulher, surda, usuária de libras, filha, religiosa, estudante, etc., há uma barreira neste assunto, pois ele é guiado, como mostram os trabalhos selecionados, pelas mães que o tratam como forma de procriação, de riscos de Infecções Sexualmente Transmissíveis, de gênero e de ordem médica. Assim, é importante que haja maior interação sobre o tema da sexualidade com mulheres surdas com a utilização da língua natural da comunidade surda, sendo está a língua de sinais, com docentes e familiares, para que informações adequadas cheguem até elas, tornando-se, desse modo, protagonistas de suas histórias e de suas sexualidades e não apenas reprodutoras de modelos pré-estabelecidos.

Espera-se, com essa revisão de literatura, motivar e estimular os profissionais de diversas áreas, sobretudo os educadores a estudar e refletir sobre a sexualidade de mulheres/adolescentes surdas para desmistificar mitos e interditos e assim debater sobre sexualidade, para que haja compreensão e diminuição os riscos de vulnerabilidade à violência e/ou abuso sexual destas pessoas. Busca-se também que a mulher surda, através de um aprendizado sobre educação sexual planejado e estruturado, transmitido através da sua língua, possa reconhecer-se enquanto ser, mulher e surda e tomar decisões sobre sua sexualidade, sua forma de ser e agir. Ressalta-se ainda a importância deste estudo subsidiar pesquisadores a dar continuidade ao tema.



Embora tenham sido encontrados poucos estudos, salienta-se a importância dos dados obtidos para fomentar formas de agir e pensar de profissionais que atuam com mulheres/adolescentes surdas, para familiares e para a sociedade em geral. Além disso, sugerem-se novas publicações que deem continuidade à amplitude do conceito de sexualidade e educação sexual de mulheres/adolescentes surdas, com o intuito de compreendê-las, orientá-las e informá-las sobre o tema. As principais limitações deste estudo foram o acesso aos artigos que tratam da temática e as duplicações de trabalhos em várias bases de dados.

## 5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor: identidade sexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, v. 21, n.1, p. 71-96, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71644/40637>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CAMPOS, M. F. de A. **Concepção da sexualidade de estudantes surdos usuários de libras em uma escola polo**. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, Araraquara, 2015.

DENARI, F. E.; COLOMBO, I. M. Revisão de literatura: surdez e identidades interseccionais. **Revista de Educação – PUC Campinas**, v. 26, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/5287/3273>. Acesso em: 11 abr. 2025.

FARIA, N. Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista. In: FARIA, N. (Org.). **Sexualidade e gênero**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1998. p. 9-39.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 1973.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade do saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albulquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GUIMARÃES, V. M. A.; SILVA, Joilson Pereira da. Surdez e sexualidade: as representações sociais dos discentes surdos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. 1, p. 125-139, jan./abr. 2020. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672020000100009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000100009). Acesso em: 11 abr. 2025.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MAGALHÃES, R. de C. B. P.; CARDOSO, A. P. L. B. A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p. 45-61, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ffFYWJh6bDCH3JnPHm7tScP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2023.



MENDES, A. P. S. **A objetivação da mulher surda na ordem digital**: discursos e sentidos sobre o sujeito-corpo (de) Natália. 2022. 170 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.

MOREIRA, S. Z. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 95-103.

RIBEIRO, K. **Sexualidade e gênero**: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo. 2011. 202 f. Tese (Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SCOTT, J. W. Prefácio a *Gender and the Politics of History*. **Cadernos Pagu**, v. 3, p. 11-27, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721/1705>. Acesso em: 11 abr. 2025.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SOUSA, S. F. L. S. M. de. **Narrativas biográficas de mulheres surdas e educação**: reconhecer experiências, culturas, identidades e percursos. 2011. 325 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade do Porto, Porto, 2011.

VEDOATO, S. C. M. **Relação entre Surdez, Raça e Gênero no processo de Escolarização de Alunos Surdos do Paraná**. 2015. 66 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

VIANNA, C. P. Educação e gênero: parceria necessária para a qualidade da educação. In: Secretaria Municipal de Educação. **Gênero e educação**: caderno de apoio para a educação e o educando. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 45-52.

WENSING, P. **Encontros de Prospero e Caliban** – Identidades pós-coloniais em Foe e Baía dos Tigres. 2005. Dissertação de Doutorado. Universidade de Utrecht, Utrecht. 2005. Disponível em: <http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2006-0324083009/UUindex.html>. Acesso em: 16 out. 2010.

**Submissão: 07/04/2024**

**Aceito: 21/10/2025**